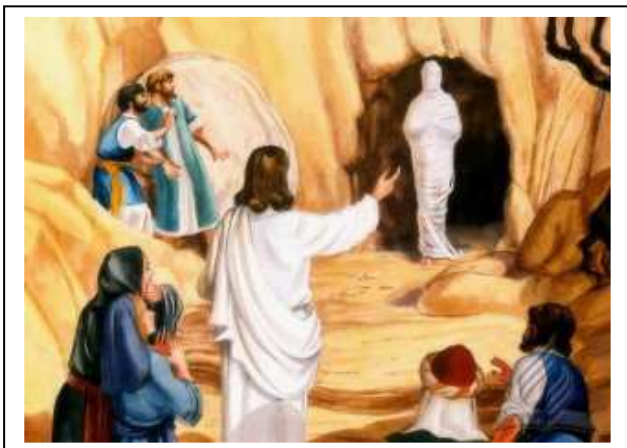


A RESSURREIÇÃO DA ESPERANÇA



"[1] Certo homem chamado Lázaro estava doente. Ele era de Betânia, povoado de Maria e de sua irmã Marta. [17] Chegando pois Jesus, viu que Lázaro estava sepultado já havia quatro dias." (João 11.1, 17; Leia vv. 1-45 – Almeida Século 21)

O capítulo 11 do Evangelho segundo a narrativa do apóstolo João, narra a intrigante experiência vivida por uma pequena família que vivia em Betânia, nas proximidades de Jerusalém, e que era composta por três irmãos jovens, solteiros e órfãos de pai e mãe. Nas

suas viagens pela Judeia, Jesus já tinha visitado antes a casa de Lázaro, Marta e Maria, provavelmente muitas vezes. Essas pessoas eram como uma família para Ele. Havia grande vínculo afetivo entre eles.

A narrativa bíblica revela que, em determinado momento, Lázaro – o arrimo da família – adoeceu (v. 1). Quando isso aconteceu, suas irmãs enviaram uma mensagem urgente a Jesus (v. 3) que, inexplicavelmente, só veio a responder alguns dias mais tarde (vv. 6-7). Ao chegar, encontrou Lázaro morto¹ e sepultado em uma caverna² há quatro dias (v. 17).

De acordo com certo adágio popular, a esperança é a última que morre. Para algumas pessoas, tirar a esperança é subtrair a única coisa que elas têm. Talvez fosse o caso das enlutadas irmãs Marta e Maria. Com a morte do irmão Lázaro, o sustento da família estava comprometido – visto que naquela época as mulheres executavam apenas trabalhos domésticos. Para as irmãs Marta e Maria, a morte de Lázaro não significava apenas a permanente ausência de um ente querido, mas, principalmente, a perda de um indivíduo que servia de auxílio, proteção, apoio afetivo, financeiro etc.

O final da história todos nós conhecemos: Jesus chama Lázaro para fora da sepultura e o morto, com a vida restaurada, deixa o sepulcro e retorna ao convívio doméstico com as irmãs (vv. 43-44).

¹ Por causa do clima quente da Palestina, o sepultamento, em geral, ocorria no mesmo dia que a morte – no prazo máximo de oito horas a partir do momento da morte. Mas antes do sepultamento o corpo tinha que ser preparado: o cabelo e as unhas do falecido eram cortados, o corpo era lavado e em seguida envolto por faixas de linho. Especiarias como óleo de rosas e água de rosas eram colocadas entre as faixas. Finalmente, um lenço de linho era colocado sobre o rosto, e o corpo era colocado sobre um caixão aberto feito de madeira.

² A Bíblia diz que Lázaro foi sepultado em uma caverna, com cerca de três metros de extensão. Poderia ter sido uma caverna natural ou uma sepultura cortada na rocha. Uma grande pedra redonda era colocada na entrada desse tipo de sepulcro. O cadáver era colocado na sepultura, e ela era selada. Após dois anos, depois que a carne tivesse decomposto e somente permanecesse o esqueleto, os ossos eram colocados em uma pequena caixa, chamada ossuário. Essa caixa era, então, colocada sobre uma prateleira escavada no muro da sepultura. Desta maneira, doze ou mais pessoas de uma mesma família podiam ser sepultadas no mesmo túmulo.

Ainda que tudo tenha terminado bem, do ponto de vista das irmãs Marta e Maria, houve certa apatia e desconsideração, por parte de Jesus, em relação aos problemas e adversidades que elas passaram. Tal atitude fez com que até a última gota de esperança que repousava sobre elas esvaecesse.

Apenas pouco mais de três quilômetros de distância separavam o lugar onde Jesus se encontrava e a casa daqueles três irmãos (v. 18). Ainda assim, Ele permaneceu dois dias no lugar onde estava (v. 6), mesmo ciente da aflição das irmãs. Quando finalmente se encontraram com o Senhor Jesus, as irmãs disseram: “*Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido*” (vv. 21, 32). No entendimento delas, agora que Lázaro estava morto e sepultado, não havia mais razão para Jesus estar ali. Imaginemo-nos no lugar das irmãs: Nosso irmão está doente, à beira da morte, mas Jesus vem e diz: “*Essa doença não acabará em morte*” (v. 4). Diante dessas palavras, nosso coração ficaria repleto de esperança e expectativas! Mas passada algumas horas, nosso irmão morre. Como reagiríamos a isso? Como ficaria o nosso coração ao constatar que o Senhor Jesus não nos socorreu e que a promessa dEle não se cumpriu. As duas irmãs estavam extremamente decepcionadas com Jesus, a ponto de não mandarem avisar o Mestre que o seu amigo havia morrido – algo relativamente fácil de se fazer, já que o Senhor Jesus se encontrava no mesmo local em que recebera a notícia da enfermidade de Lázaro (v. 6). A decepção é o sentimento de insatisfação que surge quando as expectativas que alimentamos sobre algo ou alguém não se concretizam. É, por exemplo, quando nossas orações não são respondidas por Deus e a realidade da nossa vida, da nossa existência, não é transformada para melhor.

O sentimento que pairou no coração das irmãs Marta e Maria talvez seja o mesmo que perdura em nosso coração, nos momentos em que nos encontramos frustrados, decepcionados conosco mesmos, com a vida que levamos e até mesmo com Deus. Quando algo ruim acontece conosco ou com alguém que amamos, quando experimentamos realidades de vida totalmente opostas àquelas projetadas por nós, com tantos detalhes e doçuras, em um passado não tão distante, as aflições com as quais lidamos periodicamente tomam proporções gigantescas que sufocam a nossa fé, dissolvem a nossa perseverança e consomem totalmente a nossas energias, a ponto de não termos mais qualquer disposição para buscar a face de Deus e permanecermos na Sua presença (v. 20 – “*Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi encontrá-lo, mas Maria ficou [sentada]³ em casa*”). Com a morte de Lázaro, Maria já não encontrava razões suficientes para ir até o Senhor Jesus visto que, no entendimento dela, a vinda dEle ocorreria em momento tardio.

São em momentos assim, como o vivido por Maria, que deixamos de perceber que os Evangelhos revelam a existência de um profundo amor e compaixão na pessoa do Senhor Jesus Cristo que, “*tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim*” (cf. João 13.1). Deus ama a todos nós e continuará a nos amar independentemente das inúmeras dificuldades que venham nos

³ Algumas traduções bíblicas – como a Versão Almeida Século 21 – trazem a informação de que Maria, não apenas ficou em casa, mas que também ela estava sentada.

atingir. A narrativa da ressurreição de Lázaro é um dos mais belos exemplos de que a nossa vida está assegurada em Jesus e que não há limites para o poder de Deus agir em nosso favor quando Ele assim determina. Jesus é Senhor tanto da vida física quanto da espiritual. Crer em Jesus produz em nós uma vida espiritual que persiste ainda que nosso corpo físico pereça. O desejo de Deus é que desfrutemos da confiança gerada pelo Seu amor e graça, em toda plenitude e intensidade, independentemente das circunstâncias adversas que porventura venham nos afligir. Mas para vivenciarmos experiências dessa natureza, é necessário atentarmos para alguns princípios bíblicos que são primordiais:

1. Todas as pessoas passam por dificuldades, até mesmo aquelas a quem Jesus ama (v. 5 – *“Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro”*). O profundo amor de Jesus pelos três irmãos não os isentou de experimentarem sentimentos de dor, tristeza, angústia, decepção, perda, abandono. De modo que “sofrimento” não é sinônimo de “ausência de Deus”, mas sinal de que vivemos em um mundo drasticamente alterado por causa do pecado de Adão (cf. Gênesis 3.17) e, em decorrência disso, estamos debaixo da promessa de que, enquanto vivermos, teremos “aflições” (cf. João 16.33), isto é, dores, tristezas, ansiedades, agonias, misérias, desgraças, receios, preocupações, amarguras, catástrofes, tormentos etc.

No livro Eclesiastes, o sábio rei Salomão declara que *“tudo acontece igualmente a todos: ao justo e ao ímpio, ao bom e ao mau, ao puro e ao impuro, ao que oferece sacrifícios e ao que não os oferece, ao bom e ao pecador, ao que faz juramentos e ao que não faz. Este é o mal que há em tudo o que se faz debaixo do sol: o mesmo acontece a todos”* (Eclesiastes 9.2-3a). Porém, nenhuma adversidade deve permitir que a “inatividade” de Deus seja motivo para questionarmos o Seu amor. A capacidade humana de discernir o tempo e as situações ao redor, é limitada demais para compreender que *“para todo propósito há tempo e modo certo de agir”* (cf. Eclesiastes 8.6), visto que não sabemos o que vai acontecer no futuro (cf. Eclesiastes 8.7). Sendo assim, não morra antes da morte chegar. Todas as pessoas passam por dificuldades, até mesmo aquelas a quem Jesus ama.

2. Toda adversidade carrega em si pelo menos um propósito: o de nos aproximar de Jesus (v. 3 – *“as irmãs de Lázaro mandaram dizer a Jesus: ‘Senhor, aquele a quem amas está doente’”*). Quando Lázaro ficou doente, as irmãs Marta e Maria solicitaram a presença do Senhor Jesus junto delas. Quando o problema que enfrentavam se tornou maior do que a capacidade humana de resolvê-lo, elas solicitaram a presença dAquele que é maior que todos os problemas. Repare que as maiores experiências que tivemos com Deus não foram durante os momentos de paz e alegria, mas nos momentos de dor e adversidade.

Os problemas e as dificuldades atuam como “colírio” que nos permite enxergar de fato, quem nós somos, e quem Deus realmente é. De maneira que, ainda que seja muito difícil fazer isso, não devemos questionar **“por que** passamos por adversidades?”. Mas questionar **“para que** passamos por adversidades?” A resposta do Senhor Jesus a nós será: *“para a glória de Deus, para que o Filho de*

Deus seja glorificado por meio delas” (v. 4). Toda adversidade carrega em si pelo menos um propósito: o de nos aproximar de Jesus.

3. A falta de uma correta compreensão das palavras de Jesus pode nos levar ao desespero, indignação e nos induzir a achar que Deus mentiu para nós (v. 4 – “*Essa doença não acabará em morte*”). No entendimento das suas irmãs, Lázaro estava morto, mesmo Jesus tendo prometido que a doença de Lázaro não acabaria em morte. Teria Jesus mentido ou se enganado? De forma alguma. O que houve foi que os pensamentos do Senhor Jesus eram mais altos que os pensamentos de Marta e Maria (cf. Isaías 55.9).

Não existe “morte” no vocabulário do Deus da vida. Para o Senhor Jesus, a ausência de vida em alguém não passa de um sono profundo – “*Nosso amigo Lázaro adormeceu; mas vou despertá-lo do sono*” (v. 11).

A fala do Senhor Jesus aos discípulos é semelhante a que ele proferiu na casa de Jairo quando, ao ver o alvoroço e o choro promovido pela morte da filha do chefe da sinagoga, disse: “*A menina não está morta, mas dormindo.*” (cf. Marcos 5.39b). Muitas palavras de Jesus não podem ser interpretadas “*ipsis litteris*”, literalmente, mas devem ser compreendidas à luz de um contexto que revela, não apenas os pensamentos, mas também as intenções e as perspectivas do coração de Deus.

A falta de uma leitura contextualizada e cristocêntrica da Palavra de Deus é um dos motivos de haver tantas pessoas indignadas, decepcionadas com Deus, desviadas da fé, crentes que Deus falhou com elas ou é limitado em Seu agir. A decepção tem o poder de desestruturar a nossa vida e distorcer a imagem que nós temos de Deus e a convicção em Sua Palavra.

Quando compreendemos que todas as pessoas passam por dificuldades, até mesmo aquelas a quem Jesus ama; que toda adversidade carrega em si pelo menos um propósito: o de nos aproximar de Jesus; e que a falta de uma correta compreensão das palavras de Jesus podem nos levar ao desespero, indignação e pensar que Deus mentiu para nós, somos transportados para outra dimensão, que nos possibilita contemplar a ressurreição da nossa esperança, dos nossos sonhos, dos nossos projetos, de maneira que possamos desfrutar novamente de uma vida diária abençoada e promissora, para honra e glória de Deus Pai. Mas para isso acontecer é necessário a prática de quatro ações contínuas e interligadas.

Para contemplarmos a “ressurreição” da nossa esperança, é necessário:

1. Possuir uma fé que transcenda as circunstâncias e as realidades naturais (v. 23 – “*Disse-lhe Jesus: ‘O seu irmão vai ressuscitar’*”). Quando Marta se encontrou com o Senhor Jesus ela disse que **sabia** que Deus daria tudo o que Ele pedisse (vv. 21-22 – “*Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, Deus te dará tudo o que pedires*”). Marta também **sabia** que o seu irmão iria ressuscitar (v. 24a – “*Eu sei que ele vai ressuscitar...*”), mas para ela, a

ressurreição de Lázaro ocorreria apenas “na ressurreição, no último dia” (cf. v. 24b). Em outras palavras, Marta **conhecia**, mas não **cria** no poder sobrenatural do Senhor Jesus, por causa das circunstâncias daquele momento – além de morto e sepultado, o corpo de Lázaro já se encontrava em processo de decomposição. Para Marta, o Senhor Jesus era capaz de curar o seu irmão enquanto o mesmo estivesse vivo. Mas uma vez que Lázaro estava morto e sepultado há quatro dias, para jovem Marta, Jesus nada poderia fazer.

Em nosso coração há constantes batalhas entre aquilo que SABEMOS sobre Deus e aquilo que CREMOS sobre Deus. Sabemos que Deus é o “Criador dos céus e da terra” (cf. Gênesis 14.19) e que “permanece fiel; pois não pode negar a si mesmo” (cf. 2Timóteo 2.13). Sabemos que o controle de toda a nossa existência está nas mãos de Deus (cf. Mateus 28.18) e que “se Deus é por nós, quem será contra nós?” (cf. Romanos 8.31). Sabemos que somos “herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo” (cf. Romanos 8.17). Sabemos que “somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (cf. Romanos 8.37) e que temos “autoridade para pisar serpentes e escorpiões, e autoridade sobre todo o poder do inimigo” (cf. Lucas 10.19). **Sabemos...** mas **cremos**?! Saber que Deus pode mudar a escrita da nossa história em um piscar de olhos, e deixar de crer nisso, não altera em nada a nossa vida ou o nosso relacionamento com Deus.

Deus não se move pelas circunstâncias, nem pelo grau de conhecimento que temos dEle, muito menos pela quantidade ou suntuosidade das nossas orações. Deus se move por fé. “Sem fé é impossível agradar a Deus, pois é necessário que quem se aproxima de Deus creia que ele existe e recompensa os que o buscam” (Hebreus 11.6).

Na passagem bíblica em análise, o Senhor Jesus faz três declarações a jovem Marta: (vv. 25-26 – a) “Eu sou a ressurreição e a vida”; b) “Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá”; c) “Quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente”). Em seguida Ele pergunta: “Você crê nisso?”, isto é, nessas três declarações? A resposta dela é: “Sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo” (v. 27). Mas a pergunta do Senhor Jesus não era sobre a Sua messianidade, mas sobre a Sua divindade e, em decorrência disso, o Seu total controle sobre a vida e a morte. Marta acreditava que o Senhor Jesus era o Messias, mas não cria que o Messias era Deus Todo-Poderoso. A dor e a adversidade têm o poder de “desdivinizar” Deus em nós. Se vemos fogo cair do Céu, então dizemos: “O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!” (cf. 1Reis 18.39); do contrário – se não contemplamos nada – alimentamos a nossa incredulidade e ficamos à espera de algum sinal divino para que, ao vê-lo, possamos decidir se vamos crer em Deus ou não (cf. João 6.30).

Jamais cometamos o engano de limitarmos o poder de ação de Jesus em nossos dias. Nem o tempo ou o espaço, nem impossibilidades aparentes podem restringir a capacidade do nosso Senhor Jesus Cristo em satisfazer nossas mais profundas necessidades. Não importa se já se passaram quatro dias, quatro meses ou quatro anos. Jesus vai chegar, e quando chegar vai substituir nossa fonte de

lágrimas de tristezas por rios de alegria e satisfação em Deus. Para Marta, o Senhor Jesus estava cronologicamente atrasado, mas para o próprio Jesus, Ele estava oportunamente no horário – no propósito de divino, era necessário que o Senhor Jesus chegasse apenas no quarto dia⁴. Às vezes nos parece que ação de Deus em nosso favor está “atrasada” e que a possibilidade de concretização dos nossos sonhos e projetos está “sepultada” há muito tempo. Isso acontece porque, em situações de crise, não percebemos que Deus, em determinados momentos, atrasa o Seu agir para que primeiro se construa todo um cenário que revele com clareza, e sem sombra de dúvidas, que a ressurreição da nossa esperança seja vista como obra puramente divina, em vez de um simples resultado de sorte ou fruto do acaso.

Para contemplarmos a “ressurreição” da nossa esperança, é necessário:

2. Revelar (ainda que Jesus saiba) o local exato da nossa dor, angústia, necessidades (v. 34 – “*Onde o colocaram?*”, perguntou ele. *‘Vem e vê, Senhor’, responderam eles.*”). O túmulo onde Lázaro estava sepultado passou a representar, para as irmãs do falecido, o local onde o auxílio, a proteção, o apoio afetivo e o suporte financeiro da família estavam depositados. Aquele local trazia à memória das irmãs Marta e Maria, a eterna presença da ausência de Lázaro e o retorno das lágrimas derramadas na ocasião da morte do irmão. A morte de Lázaro promovia, no coração das irmãs, uma dor para qual não havia remédio e que normalmente vem acompanhada de outros sentimentos como tristeza, angústia e depressão que tiram o sabor da vida, desestabilizam as emoções e aniquilam a esperança. Como sabemos, a esperança é avó da perseverança e mãe da paciência (cf. Romanos 5.3-4).

A esperança de alguém quando expira, encontra sua lápide no coração. O túmulo de Lázaro passou a representar, naquela circunstância, o coração de Marta e Maria. A analogia entre túmulo e coração foi feita pelo próprio Senhor Jesus quando, profetizando a sua morte, disse: “*o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra*” (cf. Mateus 12.40), e em outro momento quando denunciou a maldade presente no coração dos escribas e fariseus que eram “*semelhantes aos sepulcros revestidos de cal, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos e de toda imundícia*” (cf. Mateus 23.27b).

Jesus queria que Marta e Maria o levassem ao ponto exato da dor e frustração daquela família. Quando o Senhor Jesus perguntou: “*Onde o colocaram?*”, em outras palavras, Ele queria que elas revelassem onde a dor, a angústia e as necessidades delas faziam morada. A resposta que obteve foi: “*Vem e vê, Senhor*”. Deus age de maneira semelhante conosco. Ele espera que nós revelemos – ainda que Ele saiba – o local exato da nossa dor, angústias, desejos e necessidades. O Senhor Jesus espera ouvir de nós: “*Vem e vê, Senhor!*”.

⁴ A ideia judaica comum era que a alma pairava acima do corpo até o terceiro dia, quando a deterioração se tornava avançada, e, nesse momento, a alma fazia o seu voo. Se Jesus ressuscitasse Lázaro antes do quarto dia, alguém poderia argumentar que não houve milagre algum, e que simplesmente a alma da pessoa retornou ao corpo – sugerindo que Lázaro não estivesse morto, mas em determinado estado de coma.

Quando o Senhor Jesus se encontrou com Maria (vv. 32-33) e a viu chorando, Ele não criticou o choro ou a falta de fé dela. Pelo contrário, a narrativa bíblica diz que Ele também chorou (v. 35). Ele ficou “*profundamente comovido*” (v. 38) com aquela situação. O Senhor Jesus é Deus que se compadece de nós, que compartilha dos nossos sofrimentos e chora – conosco e por nós (cf. Lucas 19.41). Quando algo está errado em nosso interior, quando nosso coração está abatido, ferido, é muito comum nos isolarmos na tentativa de ocultamos a nossa dor de tudo e de todos – até mesmo de Deus. Dizemos às vezes que não é nada, que não temos nada, para não ter que mostrar a ferida e aumentar ainda mais a dor. De forma que muitos se acostumaram a sofrer na companhia apenas da solidão e do abandono. Temos receio do que as pessoas – e até mesmo Deus – vão pensar de nós e se expusermos as nossas fraquezas e receios. Nos esquecemos que o Deus a quem servimos é a essência do amor.

Deus não entra em crise com as nossas fraquezas; quem entra em crise são os outros que, com discursos utopistas, vendem a falsa imagem de que o verdadeiro cristão não chora, não sofre, não se entristece, não é atingido pela dor. Mas Deus sabe que somos frágeis, limitados pelo tempo e espaço e que somos frutos das circunstâncias que nos cercam. Por isso Ele insiste em perguntar: “Onde reside a sua dor?” e pacientemente espera que falemos: “*Vem e vê, Senhor*” (v. 34).

Para contemplarmos a “ressurreição” da nossa esperança, é necessário:

3. Internalizar a Palavra de Deus (vv. 25, 39-40 – “*Disse-lhe Jesus: ‘Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá’ ... ‘Tirem a pedra’, disse ele. Disse Marta, irmã do morto: ‘Senhor, ele já cheira mal, pois já faz quatro dias’. Disse-lhe Jesus: ‘Não lhe falei que, se você cresse, veria a glória de Deus?’*”).

Marta ouviu as palavras e a promessa do Senhor Jesus, mas não as internalizou no coração. Da mesma forma como nós, costumeiramente, não absorvemos por completo o conteúdo das leituras bíblicas que fazemos, ou das exposições bíblicas que ouvimos – isso quando temos a oportunidade de ouvir sermões verdadeiramente bíblicos.

Nos dias atuais há muitos falsos “Elias” espalhados pelas igrejas. São pessoas que se dizem profetas, que constroem altares, que fazem orações da “força” e não da fé (cf. Tiago 5.15), que impõem as mãos, que estendem a capa, que operam “sinais”. Mas há poucos que podem ser comparados a João Batista, que “*apesar de não ter feito sinal algum, tudo o que ele disse sobre Jesus era verdadeiro.*” (cf. João 10.41). O Senhor Jesus removeu os nossos pecados. Mas não a nossa inteligência. Infelizmente, não é de agora que a Bíblia Sagrada é usada – de maneira deturpada – para promover falsas doutrinas e idealizações egoístas de muitos líderes eclesiais contemporâneos.

Temos o hábito de orar antes de ouvirmos alguma preleção oriunda da Palavra de Deus. Em nossas orações, pedimos a Deus que fale conosco. Isso é bom pois mostra que dependemos inteiramente da graça de Deus e não das qualificações humanas. Deus, por Sua infinita misericórdia e

graça, tem falado conosco. Mas aquilo que Deus tem falado a nós, tem sido ouvido por nós? Ou será o momento de pararmos de pedir que Deus fale e passarmos a orar para que nós O ouçamos?

O mais importante não é quanto tempo você lê a Bíblia, mas quanto tempo a Bíblia lê você, isto é, o quanto do seu conteúdo penetra a sua vida e te transforma. O que transforma a nossa vida não é o número de pregações que ouvimos, mas quanto dos seus conteúdos estão incorporados em nós.

Diariamente somos bombardeados por diversas vozes: a voz da cultura pós-modernista, a voz da sociedade hedonista, a voz do consumismo, a voz da mídia tendenciosa e outras vozes espalhadas por aí. Mas devemos sempre nos lembrar da voz que ecoou no monte da transfiguração e dizia: *“Este é o meu Filho amado; a ele ouvi”* (cf. Marcos 9.7). Precisamos ouvir a voz de Jesus.

Para contemplarmos a “ressurreição” da nossa esperança, é necessário:

4. Entender e compreender a múltiplas formas do agir de Deus (v. 43 – *“Depois de dizer isso, Jesus bradou em alta voz: ‘Lázaro, venha para fora!’”*).

Quando o Senhor Jesus ordenou, em alto e bom som, que Lázaro saísse da sepultura, o que aconteceu logo em seguida? Nada! Como?! Isso mesmo... não aconteceu nada. Para as pessoas que acompanhavam os acontecimentos do lado de fora do túmulo nada mudou nos primeiros minutos. Houve considerável espaço de tempo para que Lázaro saísse da sepultura. Permita-me explicar:

Lázaro estava morto e sepultado havia quatro dias. Por causa do clima quente da palestina, seu corpo se encontrava em adiantado estado de decomposição e apodrecimento. Além disso, o corpo de Lázaro estava totalmente envolto por faixas, seus pés e mãos amarrados e ainda havia um pano enrolado em seu rosto (v. 44).

No momento em que Jesus proferiu a ordem, não aconteceu nada do lado de fora do sepulcro, mas aconteceu tudo do lado de dentro, no *“coração da terra”* (cf. Mateus 12.40). No interior da caverna, longe do alcance dos olhos das pessoas, houve primeiro a restauração do corpo físico e da função dos órgãos e tecidos de Lázaro. Em seguida houve o retorno do fôlego de vida para, só depois, Lázaro recobrar a consciência. Depois disso foi necessário um determinado espaço de tempo para Lázaro obter uma percepção geográfica de onde ele estava e o porquê de ele estar com os seus membros imobilizados. Lázaro também precisou de algum tempo para sair do caixão, ficar em pé e se deslocar para fora da caverna escura, com as mãos e pés atados, e um pano enrolado no rosto. Enquanto isso, do lado de fora da caverna, nada de novo acontecia.

Antes de percebermos alguma alteração do lado de fora, em nosso exterior, em nossa realidade de vida, algo precisa mudar do lado de dentro, em nosso interior, em nosso coração. As mudanças que Deus opera em nós sempre começam no coração, *“pois é de dentro do coração dos homens que procedem maus pensamentos, imoralidade sexual, furtos, homicídios, adultérios, cobiça, maldade, engano, libertinagem, inveja, blasfêmia, arrogância e insensatez”* (Marcos 7.21-22).

O texto bíblico nos mostra que quando o Senhor Jesus chamou por Lázaro, Ele “*bradou em alta voz*” (v. 43). Quando Deus fala, Ele o faz de maneira audível, clara e cheia de autoridade. O que promoveu a ressurreição de Lázaro não foi a retirada da pedra do sepulcro. O que trouxe Lázaro de volta a vida foi o poder contido nas palavras do Senhor Jesus. Da mesma forma, o que traz mudança à nossa vida e à vida da igreja, não são estratégias, métodos ou modelos de desenvolvimento, que até têm o seu valor – como a atitude das pessoas em remover a pedra do túmulo e facilitar a saída de Lázaro. Mas nenhum esforço físico ou humano é capaz de fazer reviver quem já morreu. O que impedia Lázaro de sair do túmulo não era a pedra, e sim a morte. Somente a Palavra de Deus é capaz de “*penetrar e dividir alma e espírito, juntas e medulas, perceber os pensamentos e intenções do coração*” (cf. Hebreus 4.12) e resgatar da morte a esperança perdida⁵.

Depois que Lázaro saiu do túmulo, “*com as mãos e os pés envolvidos em faixas de linho, e o rosto envolto num pano*”, o Senhor Jesus dá duas ordens:

“*Tirem as faixas dele*” (v. 44) – As faixas faziam referência ao passado de Lázaro, quando ele ainda estava morto. Mesmo após Lázaro ser alvo do milagre divino, as faixas continuavam envoltas em seu corpo e precisavam ser removidas por alguém. Lázaro não poderia removê-las sozinho. De igual modo há coisas que nos prendem ao nosso passado, mesmo após o nosso encontro com a pessoa do Senhor Jesus. São “faixas” que não podemos tirar de nós mesmos, mas apenas uns dos outros. Algumas dessas faixas tem nome: culpa, amargura, solidão, rejeição, injúrias, calúnia, ofensas, tristezas, indiferenças.

“*Deixem-no ir*” (v. 44) – Muitas igrejas têm, erroneamente, apresentado Jesus às pessoas como se Ele fosse um destino a ser alcançado. Não deve ser assim. O Senhor Jesus não é o destino, mas “*o caminho*” (cf. João 14.6), isto é, um novo jeito de ir. Os discípulos de Jesus, nos primeiros anos da igreja cristã, eram conhecidos como aqueles “*do Caminho*” (cf. Atos 9.2). O milagre da ressurreição foi para a glória de Deus (v. 4) e não para a glória de Lázaro. Quando Jesus atua na vida de alguém, é para colocá-lo no caminho, em trânsito, de maneira que ele não se torne o fim da bênção. Pelo contrário, o desejo de Deus é que nossa vida sirva para levar outras pessoas a crerem em Jesus (v. 45 – “*Muitos dos judeus [...], vendo o que Jesus fizera [em Lázaro], creram nele.*”).

⁵ Quando analisamos o texto bíblico, percebemos que a pedra posta no túmulo de Lázaro era simplesmente a barreira que impediria o ex-cadáver – que estava amarrado e em completa escuridão – de sair da caverna. A pedra descrita na narrativa não era a representação de uma porta de acesso, mas era apenas um obstáculo, por isso precisou ser removida. Não havia nenhum significado simbólico ou espiritual naquele ato. Para Marta, Maria e os demais presentes naquela ocasião, a pedra que selava o túmulo de Lázaro não representava o medo, a dúvida, a insegurança e demais sentimentos. Remoção de pedras não ressuscita a vida de ninguém; no máximo permite a saída de quem está vivo. A remoção da pedra por parte das pessoas não foi um fator determinante para a ressurreição de Lázaro, visto que poderia haver o mesmo fenômeno ocorrido no momento da morte do Senhor Jesus quando “a terra tremeu, as rochas se partiram, os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos que haviam morrido foram ressuscitados” (cf. Mateus 27.51-52), e saíram das sepulturas sem o auxílio de pessoas que tirassem as pedras que selavam os respectivos túmulos.

Deus abençoa para que o abençoado se torne um abençoador na vida de alguém. Somos curados para sermos remédio na vida de alguém, somos consolados “*para que também sejamos capazes de consolar os que passam por alguma tribulação, por meio da consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus*” (cf. 2Coríntios 1.4).

Dentre as cenas intrigantes que compõem a história da ressurreição de Lázaro, uma me chama mais a atenção. É a que contém uma frase de Marta dirigida a sua irmã Maria. Essa frase transpõe o tempo, o espaço e se torna extremamente relevante para os nossos dias. Diz o texto: “*E depois de dizer isso, [Marta] foi para casa e, chamando à parte Maria, disse-lhe: ‘O Mestre está aqui e está chamando você’.* Ao ouvir isso, Maria levantou-se depressa e foi ao encontro dele.” (vv. 28-29).


A frase de Marta revela a essência do Evangelho: O Senhor Jesus está aqui, presente em nossos dias, e está nos chamando. De forma que hoje é o tempo da oportunidade, de sairmos da apatia, de levantarmos rapidamente e sem ressalvas, irmos ao encontro da presença do nosso Salvador. Jesus está ao nosso alcance e pronto para ressuscitar as nossas esperanças.

Alguns especulam que, se em vez de mencionar o nome de Lázaro, Jesus apenas tivesse dito: “Sai para fora!”, todos os mortos que estavam sepultados naquele túmulo ressuscitariam. Não creio dessa forma. Entendo que o Senhor Jesus chamou Lázaro pelo nome porque Ele não é Deus de massa, mas de indivíduos. Ele trata cada um de nós de forma particular, especial, nos chamando pelo nome.

Portanto, possua uma fé que transcenda as circunstâncias e as realidades naturais da sua vida; revele (ainda que Jesus saiba) o local exato da sua dor, angústia e necessidades; internalize no seu coração a Palavra de Deus; entenda e compreenda a múltiplas formas do agir de Deus, pois o Mestre está aqui e está chamando você. Ele quer ressuscitar a sua esperança.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:

- BEERS, V. Gilbert. *Viaje através da Bíblia*. Trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. 292-293 p.
- COLEMAN, William L.. *Manual dos tempos & costumes bíblicos: o contexto cultural, social, político e religioso das terras e dos povos da Bíblia, com base nas mais recentes descobertas arqueológicas*. Trad. Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 95-96, 292, 294-295 p.
- DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Trad. Neyd Siqueira. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 376 p.
- KOESSELER, John. *Manual de pregação*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 411 p.
- RICHARDS, Lawrence O.. *Guia do leitor da Bíblia: uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Trad. Alexandre Lacnit (Gênesis a Isaías) e Arsênio Novaes Netto (Jeremias a Apocalipse). Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 688 p.
- VINCENT, Marvin Richardson. *Estudo no vocabulário grego do Novo Testamento*. Trad. Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. 169 p. v. 2

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 18/12/2017, na Igreja Assembleia de Deus Bom Refúgio em Natal/RN.